

Foto: Marcelo Vasconcelos/Agência O Globo

## GUGA CHACRA

Fotografia: O gogogogo X gogogogo  
Informação: gogogogo.com.br

## Confusas alianças no Oriente Médio

**B**ashar al-Assad, maior aliado do persa Irã no Oriente Médio, é inimigo do Hamas, que recebe apoio justamente do regime de Teerã. Pode parecer surpresa para muitos, mas o líder sírio rompeu com o grupo palestino em 2011, quando lideranças da organização em Damasco decidiram apoiar a oposição síria na guerra civil — os iranianos e o Hezbollah também se

distanciaram do grupo inicialmente, antes de retomarem a relação anos depois por questões estratégicas contra Israel.

Apesar de todo o atual conflito em Gaza, Assad jamais demonstrou solidariedade com o Hamas ou com os palestinos em geral. Os posts no perfil da Presidência síria no Instagram nunca mostram os palestinos vítimas da guerra, optando, por exemplo, por exibir outras cenas, como os cristãos sírios celebrando a Páscoa ortodoxa. Até mesmo quando a bomba israeliana foi lançada no bairro mais nobre de Damasco, o líder sírio não quis confrontar Israel e se recusou a participar da resposta do Irã ao território israelense das depósitos.

Nem que a Síria é o único país do mundo árabe inimigo dos EUA, se considerarmos o governo iemenita reconhecido internacionalmente e não o dos houthis, que controlam Sanaa. Trata-se de uma noção equivocada de que os árabes seriam inimigos dos americanos e dos israelenses. Seis países árabes, além da Autoridade Nacional Palestina, têm relações diplomáticas com Israel (Marrocos, Egito, Sudão, Jordânia, Emirados Árabes Unidos e

Bahrein) e outros quatro mantêm coordenação e diálogo com os israelenses — Omã, Catar, Arábia Saudita e Kuwait.

Há, ainda, as nuances nas alianças. Lideranças do Hamas, uma organização considerada terrorista por Washington, vivem no Catar, que abriga a maior base aérea dos EUA na região. O país serve, ainda, de mediador para as negociações de um cessar-fogo. A Turquia, integrante da Otan, é presidida por Recep Tayyip Erdoğan, que celebrou o Hamas recentemente e decidiu suspender o comércio bilateral com Israel.

Já Arábia Saudita, que proíbe igrejas e sinagogas, é vista como "moderada" e é chave, na visão dos EUA, para a resolução do conflito através do estabelecimento de relações diplomáticas com Israel, que em troca faria concessões na questão palestina. Por outro lado, no ano passado, os sauditas retornaram às relações com o seu rival Irã através de mediação

da China. Os Emirados Árabes, que estabeleceram relações diplomáticas com Israel anos atrás, têm se aproximado também dos regimes iraniano e sírio. O rei Abdullah II, da Jordânia, que tem acordo de paz com Israel, critica duramente o governo de Benjamin Netanyahu por suas ações militares na Faixa de Gaza, mas defendeu os israelenses do ataque iraniano no mês passado. O Egito, que assinou a paz com Israel há mais de quatro décadas e nunca teve boa relação com o Hamas, adotou o papel de mediador, o que é natural por ter fronteira com Gaza e o território israelense.

O Iraque, por sua vez, mantém uma forte aliança militar com Washington, que tem bases no país. Ao mesmo tempo, o governo é aliado do Irã e adota uma postura anti-Israel. As Forças Armadas do Líbano recebem dezenas de milhões de dólares em armamentos dos EUA, incluindo aeronaves, apesar de manterem uma certa coordenação com o Hezbollah, considerado terrorista pelos americanos. Essas relações cinzentas são fundamentais para entender o Oriente Médio e o futuro de Gaza.

## Ucrânia aprova recrutamento de presos em troca de anistia

Sob pressão de ofensiva russa, país busca formas de recompor tropas após seguidas derrotas; crimes graves foram excluídos

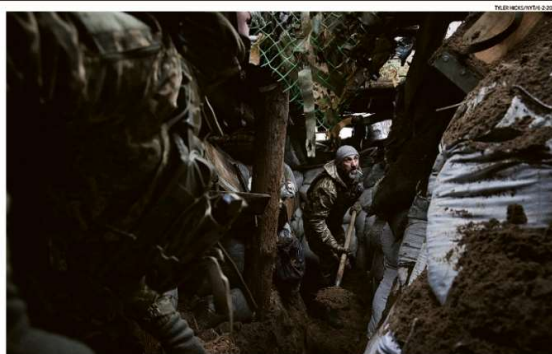
**O** Parlamento da Ucrânia aprovou, ontem, um projeto de lei que permite que presidiários que cumprem pena no país sejam recrutados pelas Forças Armadas em troca de anistia pelos seus crimes. A medida — aprovada em segunda leitura no Parlamento por 277 votos — ocorre em um momento em que Kiev tenta mobilizar mais soldados para lutar contra a Rússia. Ficam excluídos do recrutamento presos condenados por crimes graves, como homicídio, violência sexual e atentados contra a segurança nacional, segundo anunciou a deputada Olena Shuliyak, aliada do presidente Volodymyr Zelenskyy. A Ucrânia tenta desesperadamente recompor suas fileiras em um momento em que o conflito é favorável às tropas russas e suas forças acumulam derrotas e baixas. Ao mesmo tempo, o país tenta lidar com a

pressão de familiares que esperam o reconhecimento dos corpos de seus entes queridos em necrotérios lotados ou em zonas inacessíveis do campo de batalha.

O governo ucraniano não divulga o número de soldados desaparecidos em ação — tempo que, muitas vezes, é utilizado para militares mortos e não identificados. Em fevereiro, em uma rara declaração, Zelenskyy estimou o número de mortos em 31 mil. Estimativas dos EUA, no entanto, sugerem mais que o dobro: até 70 mil soldados ucranianos teriam morrido até agosto.

## MORAL BAIXO

O moral das tropas ucranianas também diminuiu ao longo de dois anos de guerra, com uma série de derrotas impostas pelas forças russas. Soldados envelhecidos e esgotados pela rotina exaustiva do front tentam manter as posições, enquanto o go-



Na defensiva. Soldados ucranianos se refugiam em uma trincheira na Floresta de Serebrianka, no este do país; dezenas de milhares de mortos, segundo estimativas.

verno busca criar alternativas para ampliar o recrutamento. Em abril, reduziu a idade mínima para o alistamento obrigatório de 27 para 25 anos — idades consideradas altas para os pais de internacionais de nascidos em guerra.

Em abril, Kiev suspendeu a prestação de serviços consulares a cidadãos homens de 18 a 60 anos no exterior como forma de pressionar para que retornem e se juntem às forças de defesa, além de ajudarem nas atividades econômicas. Funcionários do governo também ampliarão a fiscalização, sobretudo em áreas de fronteira, para impedir que possíveis recrutas fujam do país.

O recrutamento de presidiários não é um tema novo

na guerra na Ucrânia. Ainda em 2022, a Rússia autorizou o Grupo Wagner, então dirigido pelo líder mercenário Yevgeny Prigojin — que morreu num acidente de avião após liderar uma rebelião contra o chefe militar do presidente Vladimir Putin — a recrutar homens em cativeiro. A proposta incluía salários 200 mil rublos (R\$ 17,3 mil), anistia para os crimes de quem voltasse com vida e indenização de 5 milhões de rublos (R\$ 432 mil) às famílias dos mortos em combate, segundo veículos da imprensa internacional na época. A medida não excluía pessoas presas por nenhum tipo de crime.

A tática russa, no entanto, foi denunciada por recrutas

que desertaram para o lado ucraniano. Ex-prisioneiros disseram que foram enviados para o front sem treinamento, equipamento de proteção e, em alguns casos, desarmados. Também relatam que a ameaça de morte a desertores era constante e que mesmo após o fim dos períodos estabelecidos em contrato, muitos foram forçados a seguir combatendo.

## ATAQUE AO SETOR DE ENERGIA

No campo de batalha, autoridades ucranianas denunciaram um "ataque em larga escala" lançado pela Rússia ontem, contra instalações do setor de energia. Ação, que usou drones e mísseis, deixou pelo menos um morto e vários feridos. Moscou também afirmou que

tomou o controle de duas localidades perto do front.

"O inimigo não desiste de seus planos de privar os ucranianos de energia elétrica. Um novo ataque em larga escala contra a nossa indústria energética", escreveu German Galushchenko, o ministro da Energia ucraniano, em nota no Telegram. Foi o quinto ataque em larga escala à rede de energia desde 22 de março, segundo a empresa nacional de energia elétrica, Ukrenergo.

O premier Denis Shmyhal anunciou a criação de um grupo de trabalho para "superar as consequências do terror energético russo", já pensando no próximo inverno na região.

Com AFP

## Política alemã é atacada em meio a onda de violência

Além de ex-prefeita de Berlim, outras pessoas públicas foram agredidas recentemente, em clima de tensão antes de eleições

**A** ex-prefeita e atual secretária das Finanças de Berlim, Franziska Giffey, figura de destaque do Partido Social Democrata (SPD, na sigla alemã), foi atingida na cabeça na terça-feira por um objeto lançado por um homem quando visitava uma biblioteca na capital do país. O homem foi detido ontem pelo ataque, que se soma aos ocorridos recentemente contra outros políticos na Alemanha antes das eleições para o Parlamento Europeu em junho e as regionais de setembro.

A multiplicação de atos vio-

lentos, inclusive ameaças contra políticos, se tornou um tema de preocupação em todo o país. Ontem, o governo denunciou um "clima de intimidação e violência" inaceitável.

## CULTURA SELVAGEM

Giffey foi atingida na cabeça e no pescoço com um saco contendo objetos pesados e foi levada ao hospital com ferimentos leves. O homem de 74 anos já tinha passado alguns dias em prisão preventiva por atos relacionados à "segurança do Estado e crimes de ódio", informou a polícia. O Ministério Público, que está investigando o motivo para o

ataque, informou considerável a possibilidade de enviar o suspeito a um centro psiquiátrico, visto haver elementos indicando a possibilidade de algum transtorno mental.

— Estou preocupada e chocado com o recrutamento de uma "cultura selvagem" contra os que trabalham na política — disse a secretária. — Vivemos em um país livre e democrático, no qual cada um é livre para expressar suas opiniões, mas há um limite claro, e é a violência contra os outros.

O caso foi o terceiro em uma semana. Também na terça-feira, duas pessoas foram pres-



Atingida na cabeça, Franziska Giffey foi levada em uma ambulância após o ataque.

em Dresden após um membro do Partido Verde ter sido atacado enquanto pregava pösteres de campanha na rua. Ad-

plá, segundo o jornal britânico The Guardian, já havia sido vista em um grupo de pessoas fazendo saudações nazistas,

informou a polícia.

A ocorrência mais grave ocorreu na semana passada, quando Matthias Eder, eurodeputado do SPD, do chanceler Olaf Scholz, foi ferido por quatro pessoas, com idades entre 17 e 18 anos, também em Dresden. Os agressores foram detidos e, segundo a imprensa, eram associados a um grupo de extrema direita.

Scholz, na rede social X (ex-Twitter), descreveu os ataques como "ultrajantes e covardes". "A violência não pertence a um debate democrático. Aquelas que são decentes e sensatas são claramente contra isto, e são a maioria", escreveu. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, também condenou os episódios. "Devemos proteger todos aqueles que defendem a nossa democracia. Independentemente de qual partido".